

*Eulália Isabel Coelho*

# **Rebentação**

*contos*

**Editora Penalux**  
*Guaratinguetá, 2023*

# Os que resistem



# (Não) Era uma vez, os mistérios de La Vieja Casita

*A infância é quando ainda não é demasiado tarde. É quando estamos disponíveis para nos surpreendernos, para nos deixarmos encantar.*

**Mia Couto**

Essa história tem três jeitos de ser contada. No primeiro, o guri do carrinho de lomba, exclama com sua língua presa: “Não *me* acrrreedito!”. Leva a mão à testa e sente que sua visão meio que escureceu. Mas é só o mormaço. No segundo, a Angélica arregala os olhos azuis e tenta respirar mais fundo por causa da asma. Ela diz, baixinho demais para se ouvir, alguma coisa como: “meodeos”, enquanto leva seu lençinho ao nariz. O terceiro jeito é o meu, que inicia com um “la puta madre!” e termina com “que graça tem agora?”. Bueno, vou contar ao meu modo. Nele, a história começa assim...

...era um verão dos mais agitados na vizinhança. Nós três de férias, mais toda a gurizada da rua, sempre farreando

pelas calçadas recém-terminadas. Tudo muito bonito e colorido, lajes de diferentes formatos encaixadas bem certinho. Dava gosto de ver e de correr ali. De bicicleta, então, uma beleza! Pois, a gente estava na calçada, à sombra da pitangueira, olhando os primeiros tijolos chegarem no terreno da esquina, junto à casa velha. Não era à toa que fosse designada assim. Pelo que sabíamos, era a casa mais antiga que jamais existiu. Estava ali, antes da rua, antes do bairro, antes da cidade e de tudo o mais na face da Terra.

A velha casa não tinha dono, mas, vez ou outra, dava para ver gente lá dentro, vultos que estavam e não estavam lá. O fato é que, quando havia movimento, acendiam-se luzes amareladas, talvez velas ou lampiões. Da rua, a gente ouvia a música, que variava, dependendo de quem estava lá (assim se pensava). Nas conversas que, inevitavelmente recaíam sobre o lugar, nos perguntávamos quem eram, como se vestiam, sobre o que falavam essas pessoas. Bem daquele jeito do Sérgio Chapelin no Globo Repórter. O que eu mais gostava era quando tocava Elvis. Nossa, me dava uma felicidade, que nem sei! Em muitas dessas noites, as pessoas iam pra frente de suas casas. Algumas dançavam, felizes da vida. Ninguém estava interessado em explicações sobre o que acontecia lá. Magia não é para o raciocínio, é para a alma.

Em alguns dias, La Vieja Casita, como a chamávamos, inclinava para um lado. Tipo Torre de Pisa. Às vezes, afundava um pouco; em outras, o limo a cobria até metade das janelas. Ou heras a tomavam por inteiro, chegando ao telhado. Outra coisa que acontecia bastante, era a vegetação secar

de um dia para o outro. As plantas viçosas viravam palha para depois brotar novamente. Por raro que fosse, a casa também levitava. Nesses dias dava pra ver as tábuas comidas pelos cupins subterrâneos. Ninguém chegou perto para se certificar, mas abaixo dos alicerces havia um buraco sem fundo.

Bueno, estávamos contando os tijolos que homens de sovacos pegajosos amontoavam no terreno da Adélia. Eles usavam camisetas cavadas, como aquelas do Marlon Brando nos filmes dos anos 50. Lá em casa todo mundo era fã, mesmo depois dele balofo e desleixado, como o Elvis, no final da vida. Angélica apelidou os dois de “adiposos”, porque dizer gordos ela achava “muito trivial”. Então, o guri contou 258 tijolos, eu contei 300, na tampa; a Angélica, fungando muito, disse que eram 287 e 1/2 mais uns pedaços quebrados. Decidimos tirar uma média desse valores, mas ninguém ali era bom nesse tipo de cálculo, então, deixamos por isso mesmo. Quando os homens foram embora, apareceu a Adélia.

Mulher pequena, bem-vestida, Adélia contrastava com as outras mulheres da nossa rua. Não que fossem descuidadas, só não eram elegantes como ela. Nós ficamos deslumbrados com o tilintar das pulseiras fininhas que ela usava. Cada um chutou um número de argolas, mas o consenso é de que fossem 11, só porque a gente achava bonito esse número. Vimos a Adélia espiando La Casita, de longe. Ninguém era besta de se aproximar muito, nem mesmo ela com seu vestido poá que o guri do carrinho de lomba

apelidou de “bolitas”. Ele era bem engraçado, o Nando. Secretamente, o chamávamos de Cebolinha, por causa do jeito que ele falava.

Vimos a Adélia com a cabeça inclinada para a frente, mãos na cintura fina de pilão, observando alguma coisa. Apostei que era um formigueiro. A Angélica achou que fosse um trevo de quatro folhas, sempre muito positiva que era. O Nando, convicto, afirmou se tratar de um escarave-lho. Ficamos em expectativa pra ver se ela ia se agachar e pegar algo, ou se ia pisotear ou o quê. Mas não aconteceu nada e a Adélia foi embora. No que ela entrou no carro, atravessamos a rua e fomos bisbilhotar. Ninguém ia conseguir dormir sem saber o que a Adélia tinha visto.

“Ah!”, falou o guri, desapontado, “é só cocô de cachorro”. O caso parecia solucionado, mas reparei que era merda sim, mas de cavalo. “Capaz que esse tanto de bosta seja de cachorro, né?” Angélica, com o lençinho no nariz, confirmou em voz anasalada que era “mesmo excremento de equino”. Não dava para acreditar no jeito como ela se referia às coisas! Mas essa era a Angélica, sabida que só ela; minha melhor amiga e colega de escola.

Enquanto estávamos no terreno, fizemos pescoço comprido para a casa velha. Era ainda mais incrível assim, tão próxima. Dei alguns passos e pude ver que a madeira estava gretada pelas intempéries. Os veios, ora salientes, ora afundados, adornavam as longas tábuas como cicatrizes. La Vieja Casita era muito alta, não dava para ter ideia de como fora construída com toras tão compridas e inteiras. As janelas de

veneziana, estavam descascadas e tinham ferrolhos, alguns quebrados. Fiquei hipnotizada e com uma baita vontade de bater na aldrava da porta maciça, que era muito, muito grande. Com sorte, algum assombro a abriria. Nessa hora, duvido que não saíssemos correndo, encagaçados. Nossa valentia era da boca pra fora, isso sim.

Ficamos um pouco ali, enquanto a torreira do sol minava nossos poros. Os bonés não davam conta de amenizá-lo. Àquela altura, a gente tava bem fedido de correr e brincar. Éramos crianças, mas na escola, a professora de Biologia tinha explicado que logo seríamos adolescentes. Falou sobre hormônios e mais um monte de coisas que só a Angélica entendeu. Mas isso era para mais adiante, agora, só queríamos nos entreter na rua. Primeiro porque tava calor, segundo porque na adolescência, faríamos outras coisas, como namorar, por exemplo. Eu até gostava de um piá, ali das redondezas, mas seguido esquecia disso. Acho que era um amor nada profundo.

Cada um foi para sua casa à tardinha. Tomamos banho, jantamos, assistimos TV, fomos dormir, sonhamos, e acordamos faceiros porque tínhamos muitas férias pela frente. À tarde, como de costume, nos encontramos debaixo da pitangueira. Estavam entregando mais tijolos, enquanto uns homens parrudos cavavam o chão. “Estão procurando tesouro!”, disse o Cebolinha, sentado no carrinho de lombo. Eu ri e o chamei de moscão. “Bem capaz!”, acrescentei. A Angélica se limitou a fungar, cheirando o lencinho com aroma de Leite de Rosas. Para mim, ela tava viciada naquela



**E-mail:** *bibacoelho10@gmail.com*

# LIVROS ILUMINAM

---

Este livro foi composto em ITC New Baskerville Std pela Editora Penalux e impresso em papel off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em setembro de 2023.

---